

4701280 - DIVERSIDADE

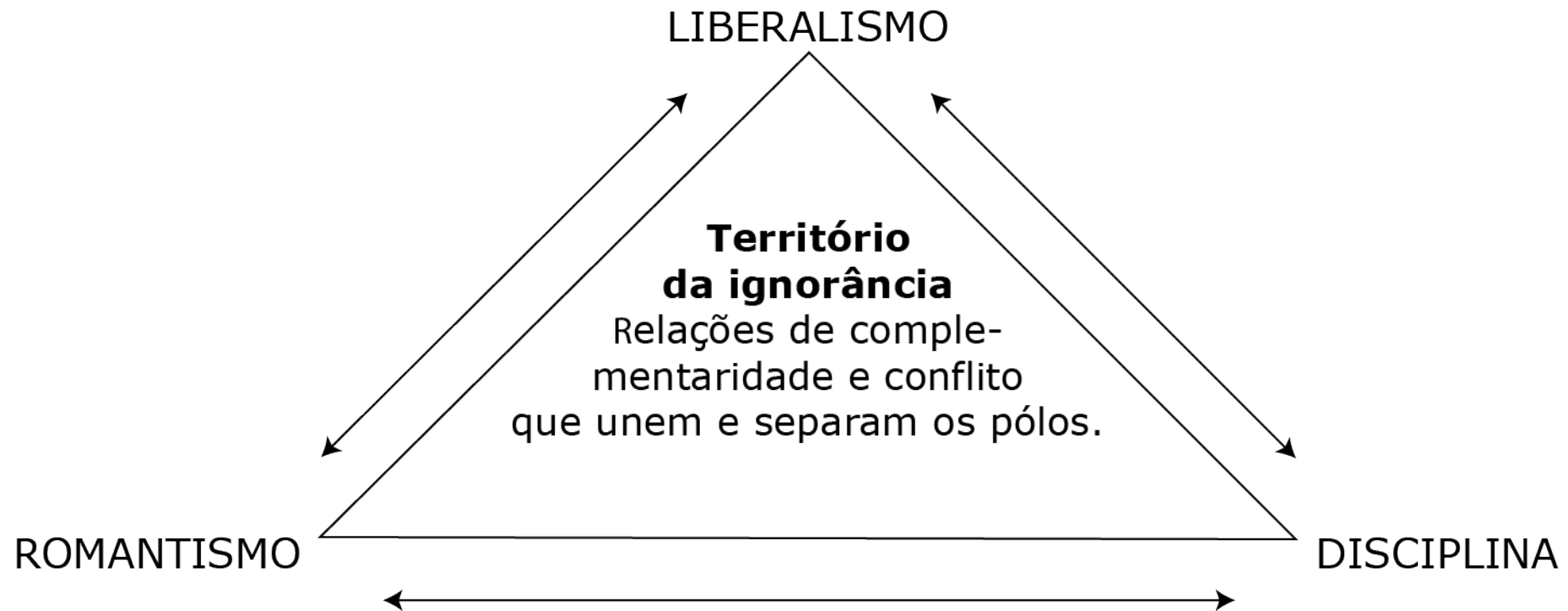
Matriz vitalista e naturista

Docente responsável: Danilo Silva Guimarães

(CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9266781984642215>)

Monitor PAE: José Henrique Parra Palumbo

Ponto de partida: A psicologia no seu tempo histórico de fundação



Pólo LIBERALISMO

[...] valores e práticas do individualismo ilustrado. Temos, então, como ideal, o reinado do 'eu' soberano com identidades nitidamente delimitadas, autocontidas, autodominadas e autoconhecidas, capazes de se contrastarem umas em relação às outras, capazes de permanência e invariância ao longo do tempo e das condições. Temos, ainda aqui, uma clara separação entre as esferas da privacidade e da publicidade: nesta dominam as leis, as convenções, o decoro e o princípio da racionalidade e da funcionalidade; à outra caberia o exercício da liberdade individual concebida como território livre da interferência alheia. (Figueiredo, 2007, p. 147).

Pólo DISCIPLINA

[...] novas tecnologias de poder, tanto as que se exercem sobre identidades reconhecíveis e manipuláveis segundo o princípio da razão calculadora, funcional e administrativa, como as que se abatem sobre as identidades debilmente estruturadas e passíveis de manipulação mediante a evocação calculada das forças suprapessoais encarnadas em figuras carismáticas ou projetadas em lendas e mitos saudosistas ou revolucionários. (Figueiredo, 2007, pp. 147-148).

Pólo ROMANTISMO

[...] valores da espontaneidade impulsiva, com identidades debilmente delimitadas, porque atravessadas pelas forças da natureza, da coletividade e da história, que se fazem ouvir de 'dentro' e não são impostas pelos hábitos e pelas conveniências civilizadas. A potência dessas forças promove uma restauração do contato do homem com as origens pré-pessoais, pré-rationais e pré-civilizadas do 'eu', com os elementos da animalidade, da infância etc. Essa restauração propulsiona, idealmente, uma espécie de autodesenvolvimento que se faz à custa dos limites e da unidade identitária que é marcado por crises, experiências de desagregação, adoecimento, loucura e morte. (Figueiredo, 2007, p. 147).

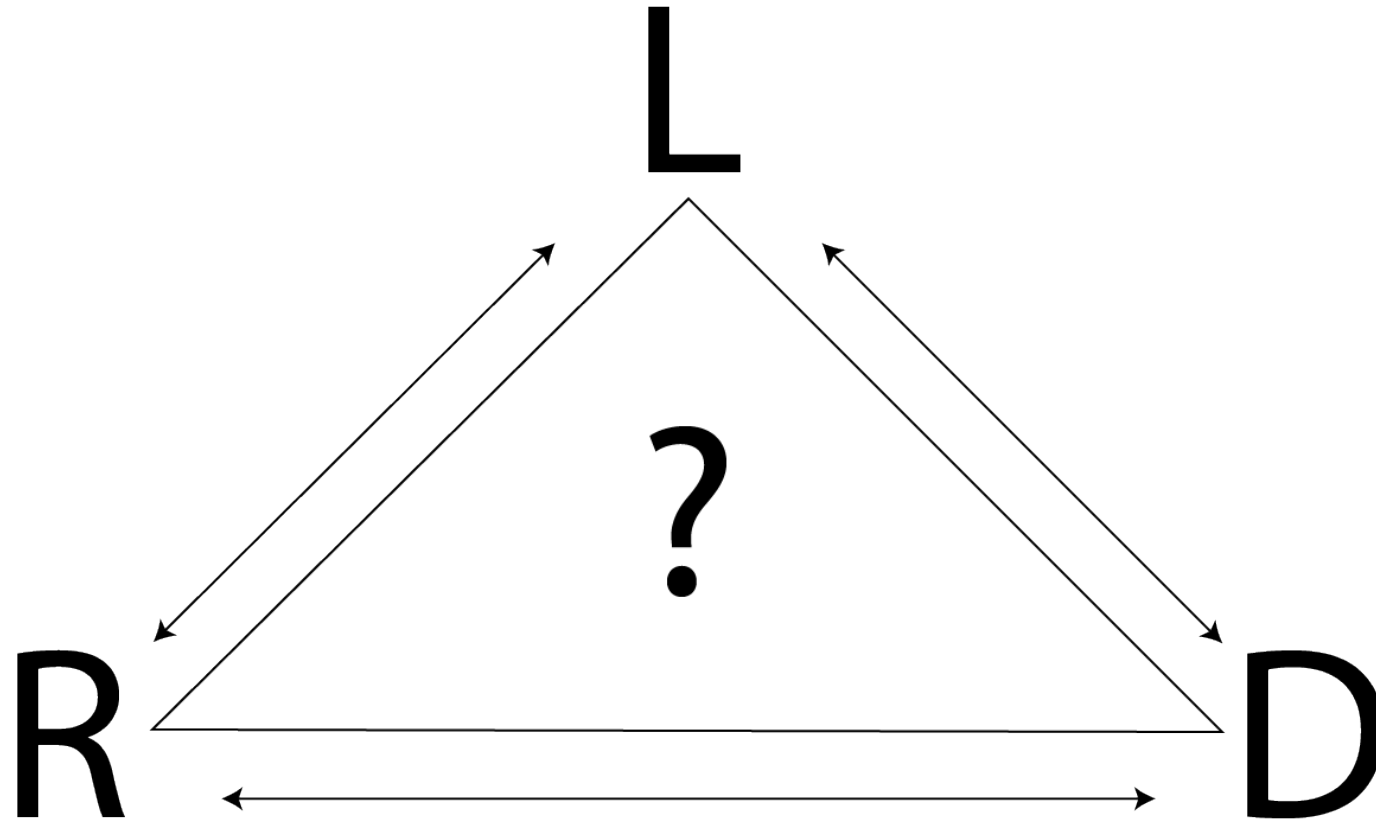
A questão da expressão

Foi no romantismo, porém, que a problemática política, social e cultural da Alemanha emergiu com mais nitidez e força. Aqui, a valorização da 'cultura' e dos temas da espontaneidade criativa, da expressão autêntica, do autodesenvolvimento da personalidade e da exteriorização de uma interioridade profunda que se identificava, no plano individual, na figura do 'gênio' e, no plano coletivo, com o 'espírito do povo', assumiu uma intensidade explosiva. Sob o romantismo não se tratava de limitar as pretensões da representação, como em toda filosofia crítica de Locke a Kant, nem de apenas elucidar os avessos da representação, como já fora feito por Hobbes e se fizera daí por diante em todos os iluminismos. A intenção dos românticos é a de transpor a problemática da representação nos planos cognitivo e político, instalando em seu lugar a problemática da *expressão*. (...)

Os avessos da representação

(...) Nos dois casos, convém recordar, há experiências privatizadas sendo mobilizadas para entender e contestar, de uma forma ou de outra, o mundo das representações. Só os românticos, contudo, abriam mão do representacional (ou representativo) em nome de uma exteriorização mais direta da subjetividade individual ou coletiva. Para eles o reino das representações é um reino de dissimulação e falsidade que—e aí está a grande diferença em relação ao liberalismo inglês—não garante os espaços para o cultivo da privacidade. Não se forma desse modo a aliança inglesa entre boas maneiras e liberdade, entre decoro e privacidade. (Figueiredo, 1992/2007, p. 121)

O território da ignorância



Interdições cognitivas

- [...] Ocorre que este padrão autocontraditório estabelece como que um *interdito cognitivo*: desde qualquer um dos lugares possíveis desse espaço haverá sempre partes do território que se conservarão na sombra.

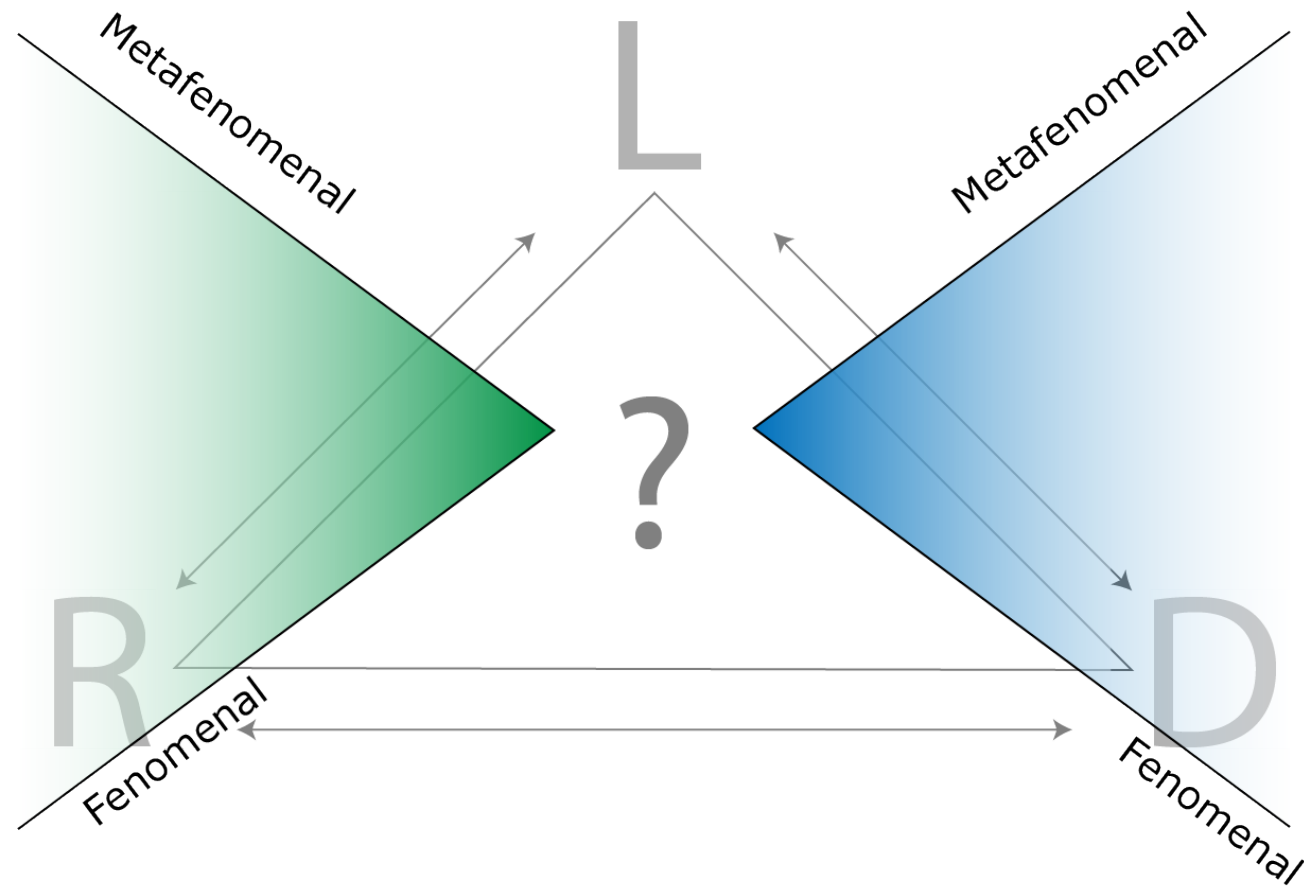
Aspectos silenciados

É nesse contexto que o *psicológico* se mostrará como o *impensável*, como o que opera no registro subterrâneo da exclusão, tanto como o *excluído* quanto como o *excludente*, vale dizer, como o que resiste ativamente a uma incorporação ao universo das identidades e representações. Os lugares que compõem este espaço e de onde emergem os processos contemporâneos devem ser vistos, assim, como soluções de compromisso entre os três polos; desde cada um destes lugares gera-se tanto uma *identidade* como um *inconsciente*; vale dizer, constitui-se um campo de representações possíveis e um conjunto de aspectos que se mantém fora do campo da representação e do experimentável—são aspectos silenciados (mas cujas vozes acabam se fazendo ouvir e são interpretadas, por exemplo, no discurso moral como “vício” e no discurso médico como “sintoma”).

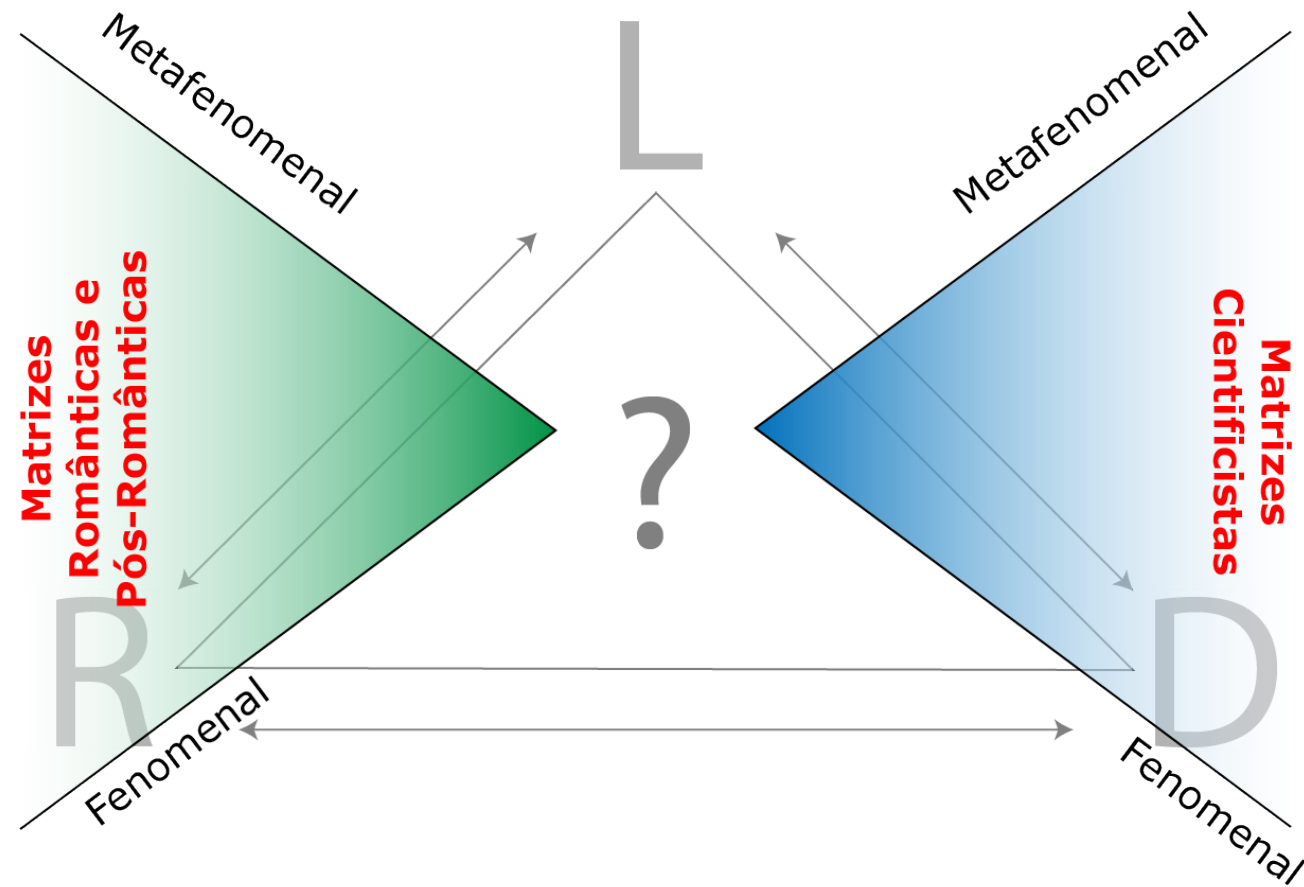
Fenomenal e metafenomenal

Isto nos conduz, na análise das teorias e sistemas psicológicos, a uma segunda solução de compromisso: além de ocupar um lugar preciso no espaço da ignorância, no espaço psicológico, tal como qualquer identidade que aí se engendre, uma teoria psicológica deve ser capaz de estabelecer uma ponte entre o fenomenal e “seu” metafenomenal, ou seja, *a partir da experiência imediata, mas não se deixar fascinar por ela, enveredar pela busca das condições de possibilidade e dos sentidos ocultos da experiência imediata* (Figueiredo).

Aprensões e elaborações parciais no território da ignorância



Primeiro grande divisor da psicologia em matrizes



Matriz Vitalista e Naturista

Razão X Vida

Tudo o que fora excluído pelas matrizes científicas é recolhido pelo conjunto de atitudes e perspectivas intelectuais que estou denominando de vitalismo naturista: o “qualitativo”, o “indeterminado”, o “criativo”, o “espiritual” etc. Trocam-se os sinais, mas permanece a distinção entre razão e “vida”. Os vitalistas tomam partido: são a favor da “vida” e contra a razão. (...)

Práticas de controle X Intuição

(...) O interesse tecnológico, com suas exigências de classificação, cálculo e mensuração, deve ser aceito apenas para o trato com a matéria inerte, mas precisa ser superado no trato com a vida e, particularmente, com a forma de vida mais elevada, a vida espiritual do homem; a inteligência conceitual, a serviço da prática de controle, deve ser substituída pela intuição, pela apreensão imediata da natureza “naturante” das coisas, pelo entregar-se e fundir-se sem intermediários ao fluxo do *élan vital*.

Ciência X espontaneidade

(...) Em que pese a indigência de mitos naturistas, como são a manifestação espontânea do material reprimido pela ciência, estão sempre aflorando nas diversas seitas psicológicas unificadas pelo antirracionalismo, pela mística da vivência autêntica, pré-social e pré-simbólica. É o sujeito que, por não se reconhecer na sua ciência, na imagem que lhe devolve o espelho científico, desiste de obter de si uma imagem refletida (...)

Interesse estético

- O conhecimento da vida pela vida e do espírito pelo espírito passa a se identificar com a própria vivência e com a própria experiência espiritual. No lugar do interesse tecnológico domina aqui o interesse estético, contemplativo e apaixonado, em que se anulam as diferenças entre sujeito e objeto do conhecimento e a diferença entre ser e conhecer. (p. 32)

Referências:

- Figueiredo, 1989/2010
- Figueiredo, 1992/2007
- Figueiredo, 1996/2013